

Multis renovam confiança na economia do Brasil

SÃO PAULO — As empresas multinacionais estão sentindo um clima de mais confiança e acreditam que agora é o momento adequado para começar a investir novamente no Brasil, afirma o Presidente da Metalúrgica Matarazzo, Knolton King. Ex-Presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, King afirma que os empresários estrangeiros estão mais otimistas com relação às perspectivas da economia brasileira, principalmente porque existe diálogo mais franco com o Governo Federal.

Um dos fatores que mais estimula os grupos estrangeiros a aplicar novos capitais de risco no País, observa King, foram as declarações feitas pelos Ministros da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, e da Fazenda, Francisco Dornelles, para desestatizar a economia. Disse que pela primeira vez o Governo compreende que os problemas somente poderão ser solucionados se for dada prioridade para a iniciativa privada.

O controle acionário da Metalúrgica Matarazzo pertence à família Matarazzo e os 49 por cento das ações restantes são de propriedade do grupo americano Continental Corporation — o maior fabricante de embalagens metálicas do mundo com faturamento previsto este ano de US\$ 100 milhões (Cr\$ 700 bilhões). A metalúrgica pretende investir US\$ 10 mi-

lhões nos próximos 18 meses, abrir o capital e ingressar no mercado de ações ainda este ano.

O GLOBO — Como analisa a atuação do governo Sarney? Acredita que há condições para as multinacionais voltarem a investir?

KING — Na minha opinião, existe atualmente um clima extremamente favorável para investir no Brasil. Isto porque o Governo compreende, pela primeira vez, que os problemas econômicos e sociais somente poderão ser solucionados se for dada prioridade para iniciativa privada. Hoje há uma clara compreensão por parte das autoridades de que os graves conflitos não poderão ser resolvidos enquanto permanecer a atual estrutura estatizante da economia.

O GLOBO — O controle de preços não colide com a abertura econômica?

KING — O Governo foi forçado a adotar uma política de controle de preços para não perder a luta contra a inflação. Mas agora o Conselho Interministerial de Preços está começando a pressionar menos e as empresas estão conseguindo os repasses necessários, desde que justificados, mantendo a margem de rentabilidade. Outro fator positivo é que o Governo começa a apresentar sinais, no sentido de que poderá liberalizar um pouco a legislação sobre informática, que tende a ser menos abrangente no futuro. Além disso,

estamos vendo uma forte reação do mercado interno. O melhor exemplo é a indústria automobilística, que está apresentando um excepcional desempenho este ano, devendo produzir cerca de 1 milhão de veículos.

O GLOBO — Como está vendo a questão da renegociação da dívida externa pelo Governo Sarney?

KING — O Governo brasileiro está adotando a estratégia correta ao decidir adiar para 1986 as negociações com o Fundo Monetário Internacional e com os próprios bancos credores. O País está com excelente situação de caixa e deverá obter um saldo comercial superior a US\$ 12 bilhões.

O GLOBO — E a proposta do Ministro Dornelles, para que as multinacionais também participem do processo de privatização das estatais?

KING — Sem a menor dúvida, existe grande interesse dos grupos estrangeiros em adquirir controle acionário de determinadas empresas públicas. Mas para que isso seja viável é preciso que não seja imposto papel de investidor passivo na operação. Ou seja, queremos ter o direito de administrar as estatais como empresas privadas e sem interferências. Acredito que facilmente as multinacionais terão interesse em comprar uma empresa pública se não puderem administrá-la.